

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO
ESTRANGEIRO



ASSIGNATURA

Moeda forte	PORTUGAL E COLONIAS	Francos de porte	
Anno ou 24 numeros	2\$600	Trimestre ou 6 numeros	\$650
Semestre ou 12 numeros	1\$300	N.º avulso ou pago á entrega	\$120
ESTRANGEIRO			
Anno ou 24 numeros	3\$000	Semestre ou 12 numeros	1\$500

1.º ANNO — VOLUME I — N.º 3

1 DE FEVEREIRO 1878

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.



VICTOR MANUEL II, REI DE ITALIA (Fallecido em Roma a 9 de Janeiro de 1878)

(Segundo uma photographia de H. Le Lieure, de Turin)

SUMMARIO

TEXTO. — Victor Manuel, pelo VISCONDE DE BENALCANFÔR — Actualidades scientificas «o Telephone», por H. DE MACEDO — As nossas gravuras — A resposta do Inquisidor, por GONÇALVES CRESPO — Chronica occidental, por GUILHERME DE AZEVEDO — A primeira tempestade, por JAYME SEQUIER.

GRAVURAS. — Victor Manuel II, rei de Italia — Serpa Pinto e os seus moleques de confiança — Augusto Soromenho — Officinas no Porto do caminho de ferro do Porto a Povoa de Varzim — A condessa Lambertini — Telephone — Enigma.

VICTOR MANUEL

É difficil, é impossivel mesmo, que perante o tumulo mal encerrado ainda de um soberano tão activamente envolvido como Victor Manuel nas luctas mais apaixonadas e accesas dos nossos dias, a biographia assumia a serena impassibilidade da historia. Ou a invectiva ou a apothéose, eis os polos extremos sobre os quaes ou silvam as calumnias dos inimigos, ou ululam as imprecações dos adversarios, ou resoam as musicas e dithyrambos dos vencedores.

Não temos a pretensão de anticipar a sação natural, de que a historia carece para amadurecer os seus juizes e julgar no seu pretório austero e insubornavel os personagens que por qualquer fórma, já pela energia do pensamento, já pela efficacia das obras, ou pelas inspirações do talento ou pelo impeto da acção, nas regiões tranquilladas da sciencia ou no theatro tumultuoso da politica e da guerra, influíram poderosamente quer sobre as idéas, quer sobre os interesses e destinos sociaes da sua epoca.

O nome de Victor Manuel, que hoje pertence á historia, não representa apenas a entidade de um soberano audaz e firme nos propositos, leal ás instituições livres que nunca pensou em trahir, brioso e patriota até o heroismo, prodigo do seu sangue, despresando a vida para salvar a honra, subtil nos enredos das chancellarias, modelo — no throno — da finura italiana, da sagacidade e da reserva proverbias d'aquelle povo de diplomatas, conhecendo a fundo as aptidões diversas dos que o cercavam, chamando a cada qual na hora opportuna e para a empresa apropriada, revendo com raro bom senso na rotação dos partidos e nas esferas do governo o talento e a popularidade dos estadistas, governando com Cavour e batalhando com Garibaldi, exercendo em summa admiravelmente o «seu officio de rei,» na phrase d'Alfieri.

Victor Manuel não significa apenas o nome de um monarcha que sobredourou a corôa herdada com o luzimento dos proprios feitos; seu alcance é bem maior, porque symbolisa a consubstanciação dos dois factos culminantes, que resumem em si sós o cyclo da revolução mais fecunda de quantas a Italia consummára após longos seculos de oppressão, e traduzem na região positiva da realidade as aspirações baldadamente formuladas por pensadores eminentes e asselladas com o sangue de tantos martyres: a unidade nacional e a queda do poder temporal dos papas.

A conjunção d'estes dois acontecimentos, cada um dos quaes operou uma transformação profunda no organismo politico da peninsula italiana, torna o reinado de Victor Manuel um dos mais decisivos momentos historicos da vida collectiva da Italia e dos annos da Europa moderna.

N'esse reinado, que a morte veiu concluir tão abruptamente, tudo é cunhado com o selo de uma singular missão providencial, a começar pelo theatro relativamente pequeno em que ella foi iniciada, o Piemonte. Foi este o foco ardente d'onde irradiaram a liberdade e a emancipação da Italia, o solo de benção em que germinaram as sementes da unidade moral, que preparou a unidade politica. Esse movimento de propaganda unitaria, que a maior parte dos estadistas conservadores e reactionarios da Europa ou capitulavam — a principio — de obra confusa e revolucionaria, ou aleunhavam com o epitheto desdenhoso de aspirações quimericas, fantasiadas por um povo meridional, fascinado de utopias, achou na Sardenha o nucleo das forças vivas que lhe ampararam os passos, lhe encaminharam as tendencias e o avigoraram para a lucta e para a victoria.

Foi no prestigio da monarchia sarda, no patriotismo e na valentia dos seus estadistas, diplomatas e generaes, foi na liberdade da tribuna d'onde partiam brados energicos no meio da oppressão com que a Austria esmagava a Lombardia e o Veneto, e das saturnaes do despotismo ignobil que um Bourbon fazia pesar sobre os seus subditos napolitanos, ao mesmo tempo que o gran-duque de Toscana e o duque d' Modena, abdicando da qualidade de principes italianos, iam engrossar as fileiras dos oppressores da patria, foi finalmente na lealdade cavalheiresca e no ardor varonil de Victor Manuel, que se escorou a causa da independencia e da unidade italianas.

Do extremado patriotismo d'aquelle governo, da sagacidade e providencia dos seus estadistas, entre os quaes occupa o posto mais elevado o conde de Cavour, da fidelidade inquebrantavel ás instituições livres e á causa da patria, do arrojado esforço de Victor Manuel, collaborador infatigavel do seu grande ministro nos manejos politicos e diplomaticos, e verdadeiro heroe nos campos de batalha, derivou o periodo commovente e dramatico de trinta annos de luctas e de perigos, epopêa grandiosa, cujo desenlace foi a transformação de uma Italia dividida e retalhada

por antagonismos seculares, por odios locais, n'uma Italia unida, amiga, fraternal, ligada pelos vinculos da solidariedade dos sentimentos, das instituições e dos destinos.

Esse movimento, ou antes essa prolongada convulsão de independencia, que contava mais de trinta annos de sacrificios e de revezes para traz do tragico desastre de Novara, inspirou a Victor Manuel, a Maximo d'Azeglio, ao conde de Cavour, a Urbano Ratazzi e ao general La Marmora as maximas ousadias para legarem á Italia a grandeza politica a que tão afortunadamente attingiu.

Cinco annos decorridos depois d'aquelle saugrenta jornada, o exercito piemontez confundia as suas glorias com as dos aliados contra a Russia, na campanha da Crimea. Cavour tomava parte nos congressos de Paris e de Zurich. A Italia, após tantos seculos de mudez, soltava a voz nos conselhos das grandes potencias! Em 1839 nova campanha e brilhantes victorias sobre a Austria, de que resultava a annexação da Lombardia ao Piemonte, preço feliz da alliança com o imperio francez. O que se seguiu é tão recente, que está na memoria de todos. A Italia Central, Modena, Parma, Napoles e Sicilia, as Legações e afinal Roma foram-se successivamente agrupando no vasto seio da unidade italiana, a que poz definitivo remate a posse da cidade dos imperadores e dos pontifices, em setembro de 1870, tornada na metropole d'uma poderosa nação de 26 milhões de homens.

O sopro viril da liberdade e da independencia varrera da frente da cidade eterna a corôa da immobilidade theocratica e sacerdotal; e a antiga cidade dos Cesares cingia-se a si propria com o diadema da livre soberania nacional!

L'Italia farà da sé — a formula de Carlos Alberto — consummára-se. Por entre os phantasmas do passado esvaíra-se a sombra melancolica da Italia antiga e tradicional, generosa, a espaços fremente e sublime, mas oppressa pela fatalidade do destino, a debater-se inutilmente debaixo de uma mão de ferro que a prostrava sempre que pretendia levantar-se do seu lethargo, caíndo na postura d'uma d'essas figuras de alabastro que vemos deitadas em cima dos sarcophagos da idade média.

Enfraquecida, discorde, e durante oito seculos avassallada, ora pelo sacro imperio que a passava de mão para mão, como um feudo teutonico, ora pelo papado que ás vezes a entregava inerme á cubiça e á brutalidade do invasor estrangeiro, espinhada pelo despotismo tudesco e pela dominação hespanhola que se enxerta n'aquelle pela transmissão do direito imperial a Carlos v e depois a Filipe II, afagando ora as visões d'uma monarchia omnipotente, como os gibelinos e o proprio Dante, ora como os guelfos adorando a theocracia pontificia, a Italia resurgia finalmente para a vida nacional, e pertencia inteira e plenaria aos italianos desde os Alpes até ao Adriatico.

O elogio e a grandeza de Victor Manuel consistem em que, no grupo dos obreiros e grandes luctadores d'esta renovação immensa, sua figura, longe de entrever-se desbotada, de morta cor, na penumbra da tela, resalta firme, erecta, proeminente no primeiro plano com a sua musculatura athletica, titanica. Os acontecimentos, com serem collosaes, não lhe amesquinham as proporções; pelo contrario hombraia com elles e domina-os de toda a sua altura. No meio das catastrophes ou das victorias, em Goito, em Custoza, em Palestro e Solferino, Victor Manuel, soldado da liberdade e do futuro da Italia, reproduz o ideal guerreiro dos antigos lidadores, dos condestaveis, dos Cids, ao passo que pela mais sympathica das antitheses, no trato intimo e na vida ordinaria, desce até á extrema simplicidade dos modernos costumes democraticos.

Na galeria da historia e na memoria da posteridade, Victor Manuel é, e será sempre, um dos primeiros vultos da Europa do seculo XIX. A dôr que a trespassou, ao saber a nova do fallecimento do primeiro rei da Italia, ainda prolonga a sua vibração.

Enxutos que sejam os prantos de todos os amigos da liberdade e de todos os italianos, de cuja emancipação foi agente poderoso e infatigavel, a saudade e a admiração hão de vecejar perennemente nos corações, em redor d'aquelle tumulo que as columnas magestosas do Pantheon abrigam, do mesmo modo que as perpetuas e os goivos florescem em volta das sepulturas estremeçadas.

Em quanto a Italia, debruçada em lagrimas, envolta nos veus funebres como a Niobe, ajoelha diante do jazigo do seu rei, symbolo de tantas glorias, os contemporaneos e o mundo inteiro vão desbastando no marmore, contornando dia a dia os lineamentos d'essa nobre e grande figura, lavrando e esculpindo a estatua do heroe prematuramente adormecido pela morte, até a collocarem no pedestal indestructivel da historia, sagrada pela veneração universal.

Apanagio das raças illustres, a linguagem do novo rei Humberto, ao prestar juramento perante os corpos legislativos, é de todo o ponto digna de um filho de Victor Manuel: «A Italia, — diz o segundo rei d'aquelle grande nação — prova-me hoje a verdade das lições legadas por meu glorioso pae: que o respeito religioso devido ás instituições livres é a garantia mais segura contra todos os perigos. Tal é a fé em que está a minha casa. Essa fé é que hade constituir a minha força.» E nós acrescentaremos a estas nobres palavras:

Essa divisa magnanima é que hade assegurar a solidez duradoura da unidade da Italia.

VISCONDE DE BENALCANFÔR.

ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

O TELEPHÓNE

Entre os maravilhosos productos da invenção humana que na ultima Exposição Universal (a de Philadelphia em 1876) foram submettidos á apreciação do jury internacional, um logrou attrahir particularmente a attenção não só dos homens de sciencia, mas do publico de todas as classes. Foi esse um novo aparelho transmissor do som, e em especial da voz humana, o telephóne de mr. Alexander Graham Bell.

Nas primeiras experiencias realizadas em Philadelphia com este extraordinario aparelho, que um dos mais illustres representantes da sciencia europeia, sir William Thomson, não duvidou qualificar como a *maravilha das maravilhas* da telegraphia, muitos dos assistentes ouviram distinctamente as palavras que outros dos experimentadores pronunciavam n'uma cidade proxima.

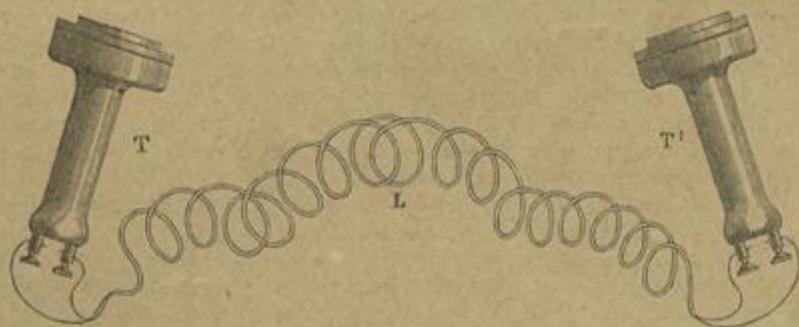
É d'este singular invento, e das experiencias ultimamente com elle realizadas em Portugal, que pretendemos dar resumida noticia aos nossos leitores.

O aparelho tal como vamos descrevel-o, não é já o primitivo telephóne de Bell, com que se realizaram na America as experiencias de que sir William Thomson dava conta no *Bulletin* de setembro de 1876 á *Associação Britanica*.

De então para cá os melhoramentos e progressos realizados no telephóne, sem alterarem na sua essencia a invenção scientifica de Bell, foram tão rapidos e extraordinarios, que na phrase auctorizada de mr. Niaudet-Bréguet o instrumento imperfeitissimo de 1876 era em 1877 quasi perfeito, e tão simples que parecia impossivel ir além em simplicidade.

Mais ainda; o telephóne considerado a principio por muitos, e dos mais auctorizados, como invenção de pura curiosidade scientifica, sem applicabilidade provavel, destinado apenas a ter um logar distincto nos armarios dos gabinetes de phisica, conquistara no curto espaço de alguns mezes fóros de invenção util, á indagação de cujas applicações praticas era razoavel consagrar-se com fundadas esperanças de propicio resultado.

O aparelho assim modificado e melhorado, e cuja importação recentissima para o continente europeu é devida a mr. Niaudet-Bréguet, já acima citado, tem a fórma exterior representada na gravura annexa. As duas partes d'elle designadas pelas letras *T* e *T'*, e que podem ser-



vir alternadamente de receptor ou transmissor, são dois involucros ou caixas de madeira internamente escavados em fórma de funil. No fundo da bocca do funil está uma delgadissima membrana de ferro ou folha de Flandres. O interior do tubo do funil, a partir da pequenissima distancia da membrana metalica, é cheio por uma vara de aço magnetizada, cuja ponta mais proxima da membrana é envolvida por uma curta bobina de fio de cobre. E n'isto consiste essencialmente o telephóne, cujo receptor e transmissor estão ligados pelo duplo fio *L*, ou por um fio simples o a terra, por fórma que esta ligação constitua um circuito telegraphico completo.

A perfeita intelligencia da theoria phisica do aparelho, é accessivel a quem quer que tenha conhecimento dos principios mais elementares da acustica e do electro-magnetismo.

A produção de um som qualquer junto da membrana metalica do telephóne transmissor, traduz-se n'esta em vibrações unisonas que alternadamente a approximam e afastam do polo do magnete.

D'estas aproximações e afastamentos entre um magnete envolvido em fio conductor e uma lamina de ferro resulta, como é sabido, a produção de correntes electricas de indução. Estas correntes electricas, transmittindo-se através do fio que liga os dois magnetes (o do transmissor e o do receptor) vão produzir no segundo successivos aumentos e diminuições de força magnetica, que se traduzem em maior ou menor intensidade de attracção exercida pelo magnete sobre a membrana, e por consequencia em alternadas aproximações e afastamentos da membrana em relação ao magnete do receptor, movimentos de vibração absolutamente correspondentes aos que realison a membrana metalica do transmissor, e que produzirão uma serie de sons analogá á que fez vibrar esta.

O telephóne de Bell é o primeiro aparelho d'esta natureza que reproduz o som em toda a sua integridade primitiva. E o facto tem facil explicação. Os sons distinguem-se: pela *altura* que depende do numero de ondas sonoras produzidas na unidade de tempo pelas vibrações do corpo emittente; pela *intensidade*, que resulta da amplitude das vi-

brações molleculares do corpo vibrante; e finalmente pelo *timbre* acerca de cuja natureza reinou grande incerteza, mas que o professor Helmholtz demonstrou depender do seguinte facto. Sempre que um corpo vibra produzindo um som, a par da nota fundamental, o ouvido percebe uma serie de sons mais fracos, chamados sons superiores, cuja origem são vibrações parciais do mesmo corpo vibrante, tres ou quatro vezes mais numerosas e de menor amplitude que as que se realizaram na totalidade da massa d'elle.

A existencia d'estas vibrações accessorias é que, segundo Helmholtz, é devido o timbre dos sons produzidos pela larynge humana.

Quando se emite um som junto de uma membrana as vibrações reproduzem exactamente todas as particularidades do som que a fez vibrar; numero de vibrações n'um segundo (altura); amplitude d'estas vibrações (intensidade), e relação do numero das vibrações de certas partes da membrana com o das que se realizam na membrana toda (timbre).

Do que deixamos dito, e da conclusão a que chegámos expondo a theoria phisica do telephóne de Bell, isto é, que os movimentos vibratorios da membrana do receptor são absolutamente *correspondentes* aos realizados na do transmissor, resulta, em harmonia com a experiencia, que este aparelho transmite o som com todas as suas qualidades primitivas, alterando-lhe apenas proporcionalmente a intensidade, como qualquer outra fórma de transmissão. Effectivamente os sons ouvidos são notavelmente mais fracos que os produzidos.

Como se vê, o telephóne de Graham Bell funda-se em phenomenos phisicos todos elles, na sua essencia de ha muito conhecidos; e a extraordinaria sensação causada no mundo scientifico pela apparição d'este prodigioso invento foi devida ao facto de que até ali ninguém imaginara que ondas sonoras tão diversas e moduladas como as que produz a voz humana podessem reproduzir-se exactamente nas vibrações de uma lamina metalica, e ainda menos que essas tão delicadas vibrações podessem originar correntes electricas de indução com a força necessaria, para atravessarem um fio metalico de grande extensão e irem produzir n'um magnete os phenomenos de que acima demos noticia.

Uma das circumstancias que no telephóne de Bell merece especial menção é a prodigiosa velocidade com que o som se transmite através do aparelho. Esta velocidade, devida sem duvida á natureza mixta dos phenomenos acustico-electro-magneticos que realison a transmissão, é, segundo Bell, no fio de ferro usado para a construção das linhas telegraphicas aerias, de 5:127 metros por segundo. A velocidade do som no ar atmosferico é de 333 metros por segundo; a de propagação das correntes electricas, variavel com a materia do conductor, e com varias outras circumstancias é superior a 40:000 kilometros por segundo no fio de ferro das linhas aerias.

O alcance do aparelho, isto é, a maxima distancia a que elle transmite sons perceptíveis, é relativamente limitada. Esta limitação provém da sensível diminuição d'intensidade de som transmittido que acima apontámos como sendo resultado da experiencia, e consequencia *a priori* da theoria phisica do telephóne.

A experiencia mais notavel, debaixo d'este ponto de vista, de que temos conhecimento, é a que foi feita na America por mr. Graham Bell através de uma linha de 413 kilometros.

As experiencias feitas em Portugal, e de que promettemos dar resumida noticia aos nossos leitores, realizaram-se em Lisboa, com o melhor resultado, e nas condições seguintes:

O Observatorio Meteorologico da Escola Polytechnica e o Observatorio Astronomico da Ajuda, de ha muito ligados por uma linha telegraphica, foram os pontos entre os quaes se estabeleceu a communição phonetica.

O telephóne de que se serviram os experimentadores era o do systema Bell, de duplo receptor e duplo transmissor.

As experiencias começaram, segundo creio, no mez de novembro de 1877, e com aparelhos mandados vir da Alemanha, que mais tarde foram substituidos por outros construidos pelo sr. Hermann, distincto empregado da direcção geral dos telegraphos.

A distancia entre os dois Observatorios é de, proximamente, tres kilometros.

Muitas das experiencias porém foram realizadas com um fio intercalar de mais de 200 kilometros.

Dirigiram estas experiencias e presidiram á installação dos aparelhos no Observatorio da Escola os srs. Brito Capello (director) e Gama Lobo (observador); no Observatorio da Ajuda os engenheiros hydrographos em serviço n'aquelle estabelecimento, os srs. Oom, Campos Rodrigues e Alves do Rio.

Estas experiencias que se tem continuado até hoje, que proseguem ainda, tem dado sempre o melhor resultado, e a ellas tem concorrido além de todo o corpo docente da Escola e de muitos homens de sciencia, outras pessoas estranhas a ella.

Uma d'ellas, a que se realison no mez de dezembro por occasião da solemnidade da distribuição dos premios aos alumnos da Escola Polytechnica, foi honrada com a presença de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Luiz, que do Observatorio Meteorologico da Escola Polytechnica logrou reconhecer pelo timbre da voz os srs. Oom e Campos Rodrigues que lhe fallavam por intermedio do telephóne no Observatorio da Ajuda.

No pequeno gabinete do director do Observatorio Meteorologico da Escola ouviam-se distinctamente alguns trechos de musica tocados n'uma flauta e n'um harmonium pelos experimentadores da Ajuda.

De outra experiencia realizada sob a direcção do já citado sr. Hermann, entre a estação telegraphica de Lisboa e a do Entroncamento (distancia superior a 100 kilometros) apenas podemos dizer aos nossos leitores que foi realizada com optimo resultado.

Os experimentadores reconheceram facilmente pela voz as pessoas que lhes fallavam por intermedio do telephóne.

As applicações praticas do telephóne são por ora poucas. Daremos conta aos nossos leitores das que pelas ultimas publicações sciéntificas chegarem ao nosso conhecimento.

Que o telephóne é um porta-voz de grande alcance, que póde substituir o porta-voz ordinario, e ainda os tubos acusticos nos estabelecimentos onde o som tiver de percorrer grandes distancias, é facto que resulta immediatamente da simples descripção do apparelho e suas funcões.

Experiencias feitas em varias minas de carvão em Inglaterra, coroadas sempre de optimo resultado, provam tambem que o telephóne póde prestar á industria mineira relevantes serviços no estabelecimento de communicacões com o fundo dos poços e galerias.

Uma lampada de nova invenção que revela a presença do *grisou* (gaz inflammavel das minas) pela produção de uma especie de canto, semelhante ao da lampada philosophica que se mostra nas salas de chimica, deu origem a uma nova applicação do telephóne. As experiencias feitas por mr. Bell e sir William Thomson demonstram que o telephóne transmite o *canto* da lampada a grande distancia, permittindo assim que o engenheiro chefe examine de tempos a tempos, sem se arredar da sua secretária, a composição do ambiente das galérias da mina.

Entre outras applicações do telephóne ao aperfeçoamento das artes militares ocorre como evidente a do estabelecimento de communicacões entre a terra e um balão captivo, entre a terra e os navios ancorados, ou ainda entre diferentes navios no mar; e na mais perfeita realisacão d'estas applicações andam já empenhados distinctissimos officiaes do exercito e marinha franceza.

EXPEDIÇÃO GEOGRAPHICA PORTUGUEZA Á AFRICA AUSTRAL



SERPA PINTO E OS SEUS MOLEQUES DE CONFIANÇA (Segundo uma photographia enviada pelos expedicionarios)

Entre as applicações puramente sciéntificas aponta mr. Niaudet-Bréguet a possibilidade, ainda não verificada, de empregar o telephóne como revelador das correntes electricas extremamente fracas.

Como se vê, as applicações do telephóne são até hoje em pequeno numero, e de importancia relativamente secundaria.

É de esperar porém que este prodigioso apparelho, cuja invenção esclareceu desde logo importantes questões de acustica e electro-magnetismo, até então bastante obscuras, conquiste no campo das applicações praticas o logar que merece.

H. DE MACEDO.

Quando escreviamos estas linhas tivemos noticia por diferentes jornaes da capital, de que o sr. Carlos Barreto requerera pelo Ministerio das Obras Publicas, privilegio de invenção por aperfeçoamentos reali-

sados no telephóne. Ignoramos ainda a natureza e alcance d'estes aperfeçoamentos, que por ora são, como era natural, segredo do seu auctor.

H. DE MACEDO.

AS NOSSAS GRAVURAS

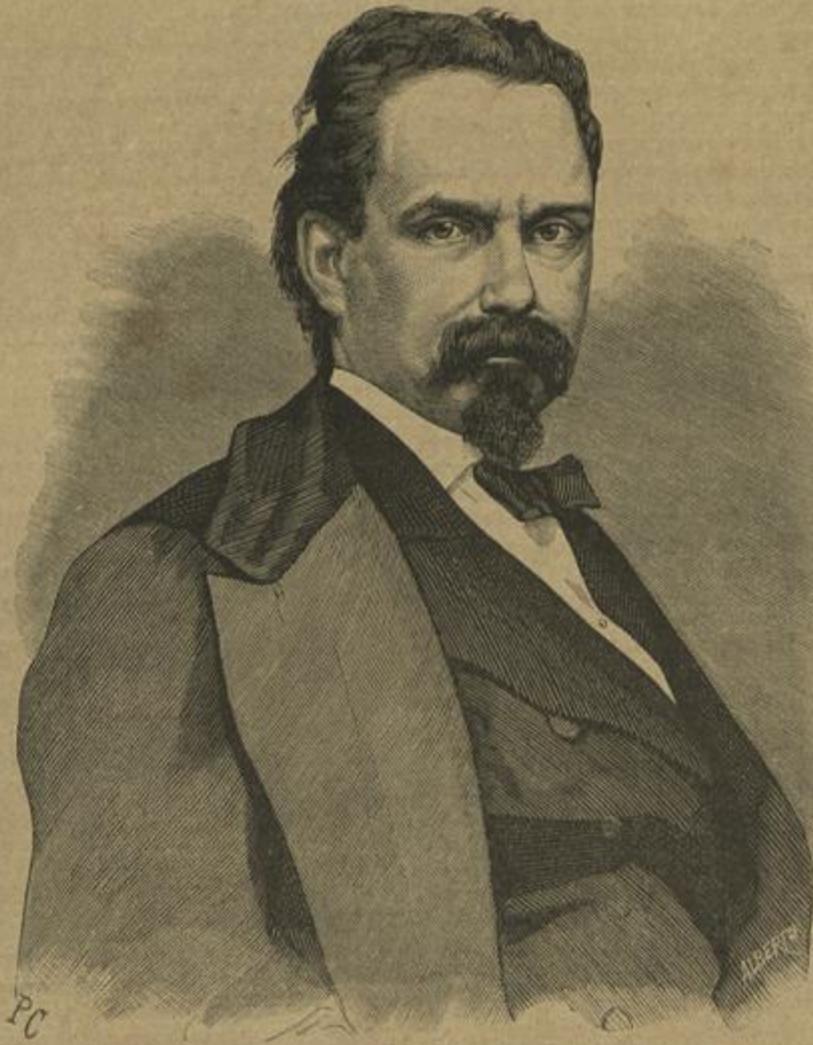
SERPA PINTO E OS SEUS MOLEQUES DE CONFIANÇA

O nosso distincto collaborador Luciano Cordeiro, fallou com extrema eloquencia nos dois numeros antecedentes do audacioso explorador de que hoje damos a expressiva physionomia. Reservamos para os nume-

ros seguintes, os retratos dos outros dois arrojados companheiros de Serpa Pinto, e outros diversos typos da pittoresca comitiva que os acompanha na sua excursão ao interior da Africa.

AUGUSTO SOROMENHO

Augusto Soromenho falleceu a 9 de janeiro de 1878, com quarenta e quatro annos incompletos. Muitas vezes fallava elle de um livro em projecto, que intitulava a *Caravana dos Mortos*, no qual contaria a vida litteraria dos seus antigos companheiros de estudo no Porto, pleiade auspiciosa, trunçada prematuramente, mas ainda assim brilhante, para occupar um dia um capitulo da nossa historia intellectual. Na *Caravana dos Mortos* entram: Soares de Passos, Gomes Coelho, Licínio de Carvalho, Coelho Lousada, Arnaldo Gama, Custodio Passos, Nogueira Lima, Eduardo Salgado, Faustino Xavier de Novaes, Ernesto Pinto de Almeida e Guilherme Braga. O livro nunca chegou a ser escripto, e Soromenho foi engrossar a ala funeral d'essa geração de poetas, que até certo ponto fez com que Herculano acreditasse no vigor dos homens das provincias do norte. Soromenho levantou-se de simples funcionario aduaneiro até ao magisterio superior, onde occupou um logar distincto; é este o seu titulo de



AUGUSTO SOROMENHO (Fallecido em Lisboa a 9 de Janeiro de 1878)
(Segundo uma photographia do sr. Almeida)

gloria. Como empregado da Bibliotheca Publica do Porto, Herculano reconheceu a sua competencia paleographica, e aproveitou-o para visitar os diversos cartorios das collegiadas e mosteiros, remettendo para o Archivo Nacional os documentos fundamentaes da nossa historia. Soromenho desempenhou cabalmente este encargo, e em cartas particulares de Herculano, o auctor da *Historia de Portugal*, confessava que era elle o unico homem n'este paiz capaz de continuar o seu trabalho. Comprehendendo a necessidade do estudo do arabe em Portugal, para se poder escrever o periodo da organisação da nossa nacionalidade, Herculano aproveitou a boa vontade de Soromenho, e fez com que fosse por conta do governo frequentar essa disciplina com o grande arabista D. Pascual de Gayangos. Soromenho demorou-se pouco tempo em Madrid, e no regresso foi-lhe dada a cadeira de arabe do Lyceu Nacional de Lisboa, que era regida interinamente por Antonio Caetano Pereira, antigo discipulo do P.^o João de Sousa. Pereira havia-se manifestado contra Herculano, por causa da rejeição do milagre de Ourique; attribue-se a isso a sua exclusão da cadeira de arabe. Ao fim de algum tempo a cadeira foi extinta pelo sr. bispo de Vizen, por economia do orçamento. Soromenho pertenceu tambem á Academia das Sciencias, onde

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES



OFFICINAS NO PORTO DO CAMINHO DE FERRO DO PORTO Á POVOA DE VARZIM (Segundo uma photographia de F. Rocchini)

foi bibliothecario e successor de Herculano, na confecção do *Portugalia Monumenta*; da Academia passou para a regencia interina da cadeira de Litteratura do Curso Superior de Lettras, no impedimento de Lopes de Mendonça, cadeira de que foi proprietario depois por um concurso publico. A dissertação sobre a *Origem da Lingua portugueza*, foi escripta para este certamen. Por morte de Rebello da Silva foi transferido para a cadeira de Historia, que occupou desde 1872 até á sua morte.

Soromenho era uma natureza sentimental e dedicada; dispendeu a sua vida servindo os amigos ou guerreando a todo o transe os que lhe não eram affectos. Assim adquiriu a *angina pectoris*, de que foi victima, e que as constantes emoções apressaram. Um conflicto mal explicado com Herculano, fôra o primeiro golpe que o perturbara; a prohibição de entrada na Torre do Tombo subsequentemente, affectou-o ainda mais; as intrigas em que se achava envolvido na Academia das Sciencias, e que o levaram a resignar esse posto, aggravaram ainda mais a sua situação. Soromenho não se defendia por inercia, e o seu silencio minou-lhe a existencia. Nas suas palavras e em todos os seus actos nunca faltou ao respeito que consagrava a Herculano, mesmo depois de receber uma carta amarga do que elle chamava o Mestre. Soromenho quiz que a responsabilidade da compra do Dicionario de Ramalho e Sousa pela Academia, pezasse sobre uma commissão, e não sobre uma proposta particular de Herculano; entendia que assim salvaguardava o credito do que fôra o seu venerando amigo, porque o Dicionario não valia segundo pensava os dez contos de réis pedidos. Herculano entendeu que era um attentado contra os seus interesses, e redobrou de animosidade contra o pretendido ingrato. Soromenho achou-se desorientado no meio de mil conflictos em que se envolveu, e não pôde trabalhar; a confiança do publico sobre a sua capacidade, era superior ás suas provas. Hubner, em uma viagem scientifica a Portugal, falla d'elle com uma grande esperanza na sua aptidão archeologica; Mommsen esperava como prova definitiva a *Historia da Igreja Luzitana*, que Soromenho se compromettera a escrever; Herculano vira algum tempo n'elle o continuador da *Historia de Portugal*; porém é preciso confessar com justiça — Soromenho estava áquem de tamanhas esperanças. Falta-lhe a comprehensão synthetica, não tinha uma philosophia que coordenasse as suas idéas geraes. Em compensação possuía todos os dotes para um critico analysta, como o provou no seu ultimo trabalho sobre a *Taboa de Aljustrel*, que o grande romanista Giraud tanto louva no *Journal des Savants*. Soromenho era um verdadeiro bibliotheconomista; a sua livraria tão perfeita e completa para o estudo das instituições da Edade media, é a historia da sua educação intellectual. Ali juntou toda a ferramenta para um trabalho especial; mas era já tarde para começar uma construcção. Soromenho sentiu o seu estado, e andava sob o mais profundo desalento. A morte veio tirar-o da responsabilidade em que o collocaram tão grandes esperanças. No conflicto da vida lutou e soube vencer; na renovação scientifica da nossa sociedade a sua acção não chegou a fazer-se sentir. Culpa da falta de plano, ou de uma morte prematura? É esta duvida que torna sentida a sua perda.

AS OFFICINAS DO CAMINHO DE FERRO DO PORTO Á POVOA DE VARZIM

O caminho de ferro de via reduzida do Porto á Povoia de Varzim, inaugurado ha pouco mais de tres annos, por uma empreza particular, é dos commettimentos mais promettedores e mais uteis de Portugal. Damos hoje uma gravura das importantes officinas d'esse caminho de ferro, iniciando assim o nosso proposito de dar a conhecer aos leitores todas as obras que representam o moderno movimento industrial do nosso paiz.

A CONDESSA LAMBERTINI

O cardeal Antonelli, o severo e sagaz secretario de Pio IX, teve ha vinte e tantos annos o seu idillio, obedecendo assim á funesta influencia da velha Roma pagã.

Esta aventura do celebre principe da igreja, não é apenas uma simples invenção dos inimigos do catholicismo. Consta d'um curioso processo pendente no tribunal civil de Roma, e que já agora tem de ficar consignado na historia dos processos celebres.

O caso é o seguinte. A joven condessa Laura Lambertini, para provar que deve ter parte na herança d'Antonelli, que os herdeiros d'este querem unicamente para si, apóia-se n'uma serie de 53 alegações para demonstrar que é filha do cardeal.

E a demonstração parece tão evidente, que os herdeiros d'Antonelli apenas sustentam em sua defesa que o defunto cardeal era já diacono quando a condessa Lambertini nasceu, o que lhe imprime o stygma de filha sacrilega, inapta por tanto para herdar.

Os defensores da condessa respondem pelo seu lado, que tendo fallecido o cardeal quando o actual codigo civil já estava em vigor, a herança deve ser regulada segundo o codigo que não admite, como a lei pontifical, a filiação sacrilega.

E a mãe da condessa quem é? No soalheiro das chronicas europeas tem-se discutido muito este ponto grave, mas a versão mais acreditada é que a *contesina* Laura se parece em extremo com seu pae, e recorda tambem em certos traços uma formosa irlandeza, esposa d'um diplomata conhecido, que em tempo exerceu elevadas funcções junto da corte pontificia.

Primeiro intentou-se fazer passar a condessa Laura por filha d'uma dama, Marconi, mas esta mãe d'emprestimo desapareceu á ultima hora,

como nas operas comicas, para deixar em vago relevo a physionomia da mãe verdadeira.

De resto é sabido que o actual pontifice fez os maiores e mais louvaveis esforços para que os herdeiros d'Antonelli chegassem a um accordo com a condessa, afim de esconjurar as consequencias d'este escandaloso processo.

A condessa Laura Lambertini casou ha poucos annos com um d'esses fidalgos italianos que nos lances melindrosos apparecem sempre para legalisar certas posições equivocas. Tem já tres filhos dos quaes o mais velho conta 4 annos.

É espirituosa, amavel, falla as linguas, respeita immenso a memoria de seu pae, e possui uma cabeça formosa como deve ser a cabeça d'uma verdadeira filha do peccado.

Em todo o caso como o retrato da condessa Lambertini deve já agora ficar na historia, apenso a um processo notabilissimo, o OCCIDENTE procura auxiliar a historia, e ao mesmo tempo ser agradavel aos leitores, reproduzindo a expressiva e sympathica physionomia da bella condessa Laura.

N. B. No artigo do numero anterior, relativo á Camara dos Pares, onde se lê «artista Borges», leia-se «artista Bord».

A RESPOSTA DO INQUISIDOR

A MEU TIO

LUIZ D'ALMEIDA E ALBUQUERQUE

Die ewige Gerechtigkeit zu ahnen
Siarl an dem Holtze Gottes Sohn.
SCHILLER — D. Carlos, scen. IX, act. V.

I

A sala, em que medita El-Rei, é silenciosa,
Apainelada e fria: o largo reposteiro
Ondula suavemente á aragem preguiçosa.

II

À cathedra real um Christo sobranceiro
Magro, livido, nú, ferido, ensanguentado,
Exhala sobre o seio o alento derradeiro.

III

El-Rei medita e scisma, o seu olhar turbado,
O seu obliquo olhar, o seu olhar de fera
Vibra irrequieta luz, parece allucinado.

IV

N'isto á porta assomou a calva fronte austera
De um velho, e logo atraz uma pagem que murmura:
«Eis o frade, senhor, que Vossa Alteza espera!»

V

Curvára, ao entrar, o monge a tremula estatura,
Mãos dispostas em cruz no largo peito ancioso,
E humilhada a cerviz na asctica postura;

VI

E contudo esse frade humilde e respeitoso,
De olhos fitos no chão, tão fragil como um vime,
Na presença de um rei, de um Cesar poderoso,

VII

É fanatico e audaz; com mão de bronze opprime
O solio, a egreja, o lar, e os corações dos crentes,
Flagella a sombra e o amor, condemna a luz e o crime.

VIII

Quando elle vae passando, as timoratas gentes
Benzem-se com pavor, e param de improviso
As canções juvenis nas áleas resceptentes.

X

Nunca nos labios seus florira o alegre riso,
Cem annos tem, jámais beijára uma creança,
E creê subir talvez, morrendo, ao paraíso.

XI

Na Hespanha, no Perú, em Napoles, na França,
Paíra como o sinistro espirito do Mal,
O negro inquisidor, feroz como a vingança.

IX

Sixto Quinto, o cruel, fizera-o Cardeal,
E a Hespanha ponde vêr com assombroso espanto
Junto do rei-panthera, o inquisidor-chacal.

XII

E Philippe dizia ao frade no entretanto:
«Sentinella da lei, piedoso inquisidor,
«Tu que fallas com Deus, e és padre, e és bom, e és santo.

XIII

«Arranca-me este peso, affasta-me este horror,
«Ah! diz-me, cardeal, se é um vil, se é um precito,
«O rei que é justo, e mata o filho que é traidor...»

XIV

E mais não disse o rei, torvo, sombrio e afflicto.
No entanto o inquisidor erguendo imperturbavel
O seu hediondo olhar das lagoas de granito,

XV

Assim tornou com voz vibrante e formidavel:
«Ó principe — e apontava o livido Jesus —
«Para aculmar dos céos a colera implacavel

XVI

«O Eterno fez morrer seu filho n'uma cruz!»

GONÇALVES CRESPO.

CHRONICA OCCIDENTAL

A politica foi a Deusa a que mais se sacrificou na ultima semana. No fim de oito dias de commoções moderadas, como devem ser as commoções d'um povo educado na doce palestra da casa Havaneza, caiu o ministerio presidido pelo sr. marquez d'Avila e Bolama.

Convém observar que d'entre os povos meridionaes somos o menos rhetorico de todos quando fallamos d'este triste accidente a que está sujeito qualquer ministerio. Cair não representa já na nossa lingua uma simples imagem. Cair é simplesmente... escorregar.

Assim, a Agencia Havas tem de tomar nota e transmittir de futuro para o estrangeiro os seus telegrammas, dando conta da demissão dos nossos ministerios, pela seguinte fórma:

Lisboa, 26 ás 8 da noite. — Caiu o ministerio portuguez. O galo do presidente do conselho está sendo energicamente combatido com agua fria e uma moeda de 5 réis pelo seu medico de serviço, que em recompensa foi contemplado com um alto cargo publico no testamento do ministro contundido.

Mas caindo o ministerio era consequencia naturalissima que fosse substituido por outro, como aconteceu. O ministerio anterior quando o seu presidente *caira* doente, tinha, ao que parece, ficado reunido em volta do seu leito de dôr ministerial. Visto o doente estar ainda vivo aproveitou-se esta circumstancia para o mandar chamar, paraphraseando o dito d'aquelle celebre *vaudiville*: «Visto minha tia ter morrido aproveitou-me d'esta circumstancia para a mandar enterrar.»

Assim foi. O antigo ministerio presidido pelo sr. Fontes empunhou de novo as redeas da governação, mas como a poesia portugueza andasse ha tempos descontente e desconfiada com as instituições, aproveitou-se tambem a oportunidade para promover por antiguidade de serviço no moderno parnaso conservador, o seu mais inspirado e mais querido poeta. Ninguem tem de que se queixar. Continuem a fazer trovas que tambem lhes chegará o seu dia, cantores. Por agora o primeiro da escala era o sr. Thomaz Ribeiro.

Oh, se não fosse essa doce recompensa que a nação reserva para os seus inspirados, como seria triste a sorte d'elles!

A Hespanha, aquelle grande paiz do fandang e da *cuchilla*, conserva ainda os velhos jogos floraes. Todos os annos as suas municipalidades distribuem braçadas de saudades d'ouro e de jasmim de prata pelos trovadores que mais se distinguem nas justas da poesia. Portugal, aonde a prosa do tempo e a decadencia do sentimento nacional deram em terra com a doce e salutar instituição dos outeiros, Portugal procura animar a arte metrica, dando aos seus cantores, de quando em quando, a pasta da marinha e das colonias.

E os modernos galeões portuguezes quando hoje sulcam os mares revoltos, oppõem com orgulho á furia insana dos elementos um ende-casyllabo do sr. Mendes Leal, que corta as vagas com a rigida frieza d'um talhamar d'aço.

Servi a patria que a patria vos contempla.

Os titães leem este verso com respeito, e já muitos mariantes se teem perdido ouvindo-o de noite, á claridade suave e melancolica do luar, cantado ao piano pelas sereias, nas suas humidas e transparentes habitações formadas d'algas e de perolas.

1 Exigencias de paginação, pela antecedencia com que tem de ser compostas as paginas das gravuras, forçau-nos a alterar a disposição do texto. D'ora avante a Chronica será sempre a introdução do Occidente.

Se Camões tivesse a fortuna de viver hoje, em vez do exilio e da miseria teria a pasta da marinha, e para se distrahir dos negocios do ultramar iria á noite inspirar-se e tomar chá a casa de s. ex.^a a musa da epopéa.

—Mas apesar da politica ter sido tudo nos ultimos dias e a arte quasi nada, fallemos todavia um pouco d'ella, d'essa triste creatura que ahí passava abandonada, sem que ninguem se lembre de a seguir, com uma casimira da penultima estação e um sorriso do ultimo dentista.

Em D. Maria tivemos o *Kean*, de Dumas. D'esta vez houve um homem audacioso que se propoz a entrar victorioso pela porta grande da arte.

Foi Brazão. Devemos louval-o pelo seu esforço e saudal-o pelo seu triumpho. Venceu porque não caiu, e quando se não cae atacando um colosso, com o qual só até hoje teem arcado com vantagem Frederico Lemaître e Rossi, é porque verdadeiramente se possui o pulso do luctador e a fina e maleavel lamina do espirito com que se pôde varar o coração dos gigantes.

S. Carlos offereceu aos *dilletanti* esta novidade musical: *Um Baile de Mascaras*. É a continuação do regimen de crêmes lyricos a que ha muito estão submettidos os frequentadores d'aquelle theatro.

S. Carlos tem hoje, de certo, um lugar preeminente entre os grandes consumidores de Verdi. Perdoa-se-lhe entretanto esta sympathy porque não se foge facilmente á tentação d'um pagem que vem cantar com galanteria extrema á bocca do proscenio:

Saper vorrestè di che si veste.

Isto quando n'esse pagem se dão pelo menos as seguintes condições; — Ser a sr.^a Elena Varezzi com todas as notas cristalinas da sua voz, e um pagem com todas as qualidades da sr.^a Varezzi — além do canto.

De resto a sociedade portugueza continúa a não nos offerecer assumpto com que possamos dar á nossa *Chronica* as proporções condiguas do decurso de 15 dias, para não dizermos do comprimento d'uma quinzena.

Nos theatros temos as mesmas peças, nas almas os mesmos sentimentos, na atmospheria a mesma brisa, nos *restaurantes* os mesmos manjares, — isto sem hyperbole — e na politica, apesar de todas as mudanças, as mesmas idéas.

O sr. primeiro bailarino continúa a dançar em S. Carlos vestido, ou por outra — despido de preto, e a suster na tintura dos seus braços os desmaios coreographicos da primeira bailarina. A Trindade chama os fleis á devoção da opera comica, ao toque dos *Sinos de Corneville*, e a sr.^a Emilia das Neves volta de novo ás glorias de ha 20 annos, compungindo as almas com os arrancos da *Doida de Montmayour*.

Entretanto, é bem triste recordar-se a gente do seguinte:

Ao passo que M.^{elle} Luigini nos procura alegrar gorgeando as valsas de Lecoq, de noite, ao sairmos dos theatros, encontramos aos pares, silenciosos e tristes, cosendo-se com as paredes, uns pobres *pierrots* vestidos d'algodão branco e umas tristes vivandeiras trajando de bareje.

Como nos compunge dizel-o!

Começam em Lisboa os bailes de mascaras!

GUILHERME D'AZEVEDO.

A PRIMEIRA TEMPESTADE

I

Meu sogro — pobre e honrado homem! — estava n'aquella occasião apoplectico de colera. O seu pequeno corpo, nédio e rechonchudo — de merceiro, tremia n'uma convulsão medonha, como uma corda metálica, posta em vibração por um dedo inexperiente e brutal. Os seus olhinhos, de extrema vivacidade, haviam adquirido uma persistencia quasi insustentavel. A calva, luzidia e larga, a que a meia luz obliqua da tarde dava um polimento irritante, facultava á sua anafada e grotesca figura um grande ar theatral de rhetorica e auctoridade.

Ennovellada no *fanteuil*, ao pé do fogão, minha mulher tinha o rosto occulto nas mãos, mas, pelos intervallos dos dedos finos e pallidos, scintillava o seu olhar, procurando anciosamente na minha phisionomia vestigios de uma emoção qualquer, provocada pelas palavras acres e violentas de meu sogro.

No entretanto, encostado ao peitoril da janella, brincando descuidosamente com o cordão do *store*, eu assumia uma romantica attitude de desleixo e de indifferença. De vez em quando, fingia occupar-me com objectos perfeitamente insignificantes, affectando uma ausencia completa de attenção e lembro-me ainda que o cadaver d'um mosquito, victima da despreocupação do meu espirito, attestou por muito tempo, no vidro da janella, até que ponto as coleras dos sogros conseguem impressionar o animo dos genros.

Mas como elle estava zangado, elle, o homem placido, o burguez abdominal, o manso pae de familia! Ainda hoje sinto remorsos de lhe haver, com a minha glacial apparencia, irritado de tal fórma a sua quasi inoffensiva bilis. Dava passos curtos no gabinete, e as suas curtas mãos nodosas e vermelhas tinham contracções aduncas, de milhafre. De vez em quando, desenhava no ar uns gestos inexplicaveis, que lhe proporcionavam o comico aspecto d'uma rã galvanizada.

As palavras saíam-lhe dos labios, seccos e pallidos, como enxames de vespas allucinadas e mordazes. Eu continuava fleumatico, indiffe-

